

O RIO ARAGUAIA NA PROSA POÉTICA DE FRANCISCO NETO PEREIRA PINTO

Resenha da obra: PINTO, Francisco Neto Pereira. *À beira do Araguaia*. Campinas: Mercado de Letras, 2021. 88 p.

Martha Victor Vieira¹

Recentemente lançado, o livro de contos *À beira do Araguaia*, de autoria do Francisco Neto, membro da Academia de Letras de Araguaína (ACALANTO), descreve, com maestria, a grande beleza cultural e natural do nosso imenso Brasil. Particularmente, os leitores e leitoras dessa obra irão penetrar no cotidiano dos protagonistas Ana e Pedro que possuem comportamentos, costumes e dilemas representativos dos povos ribeirinhos do norte do Brasil. São treze estórias que, curiosamente, podem ser lidas separadamente ou compondo um romance, com começo, meio e fim, embora não haja uma ordem cronológica rígida.

O cenário que serve de palco aos contos é o Vale das Serras, que na localização dada pelo narrador fica na fronteira dos Estados do Pará e Goiás (hoje Tocantins), as margens do belo rio Araguaia, que mais do que parte do título é quase um protagonista silencioso, cheio de atitude, de força e de mistério, como suas “águas fartas e velozes e sempre solícitas”, cheias de “sabedoria”. Utilizando-se da personificação, o autor representa o rio ora como “jovem e impetuoso”, ora como “cansado” e “desvitalizado”, ora como alguém que retoma sua “macheza” na época das cheias.

A descrição densa das paisagens no entorno do Araguaia, faz com que a obra abra uma janela na qual também vemos o movimento dos animais, sentimos o cheiro de umidade das matas verdejantes e toquemos nas águas, como se passeássemos no barco dirigido por Pedro. Nas palavras da personagem Ana: “a paisagem que tinha à vista era uma poesia”. Nesse palco de natureza majestosa, logo no primeiro conto, nasceu Pedro que tem sua experiência de vida marcada por essa proximidade do rio. A maior parte das estórias envolvem o casal Ana e Pedro, pessoas simples, que moram às margens do rio, onde realizam sua sociabilidade, onde vivenciam seus dramas conjugais e suas angústias, como a expectativa do nascimento dos filhos, o convívio com animais de estimação, a questão do trabalho, etc.

A forma nostálgica da escrita de temas do cotidiano, denotada pelo uso dos verbos no passado, nos lembram as narrativas orais feitas pelos nossos antepassados nos momentos de sociabilidade para lembrar dos tempos idos, como faz a personagem Ana em *Álbum de fotografia*. As frases do livro *À beira do Araguaia* não possuem pontuação, apenas a inicial maiúscula enuncia o próximo parágrafo, ficando por conta do leitor e da leitora deliberar sobre a cadência da narrativa.

¹ Doutora em História Social pelo IFCS/UFRJ, Professora do Curso de História, do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Norte do Tocantins, Campus de Araguaína.

A escrita em terceira pessoa indica a presença de um narrador-onisciente que não participa diretamente da ação, contudo possui familiaridade e demonstra empatia pelos personagens, como se nota nos enunciados impessoais feitos como se fossem citações, que, vez ou outra, interrompe o enredo com frases que possuem um toque dramático e teatral, tais como: “A vida como o rio corre/A vida como o rio de turbulência intensa e imensa/Viver assim como o rio pede urgência”. A urgência neste caso, presente no segundo conto, era a expectativa de Ana pelo nascimento do primeiro filho, que coroaría ainda mais o amor do casal. O artifício da escrita nos remete ao papel do coro das tragédias gregas, que tinham a função de tecer comentários, dar conselhos e opinar sobre os dramas dos protagonistas, como o autor faz na seguinte passagem: “Mas a biologia dá de ombros ao amor/Segue seu próprio destino pega outros caminhos/Para o desespero de Pedro e Ana o horror.”

Os contos nos apresentam várias facetas das protagonistas de nome Ana que revelam a mulher, a esposa, a mãe, a leitora, a professora de poesia, a doutora de enfermagem do Vale das Serras, que sabe cozinhar receitas que dão água na boca, fazendo com que fiquemos com vontade de testar algumas delas. Essas receitas de Ana nos remetem os costumes e à cultura regional, informando ao leitor que muitas das conversas e das práticas de sociabilidade das pessoas comuns envolvem encontros nos horários das refeições, pois o restante do tempo é dedicado ao trabalho e ao descanso do dia de labuta. Como as grandes damas da prosa que representam a mulher brasileira, as personagens Ana de *À beira do Araguaia* nos encantam com seus dramas pessoais, com sua coragem, com sua capacidade de superar os problemas que vivencia.

Além de deslindar a privacidade de Pedro e Ana, a obra, de certo modo, também tem indícios de uma literatura de testemunho, na medida em que traz a memória de acontecimentos históricos marcantes para a vida das pessoas que viviam nessa região, como a Guerrilha do Araguaia, ocorrida por volta da década de 1970, que fez com que os camponeses do entorno fossem tratados com truculência pelas autoridades policiais. No conto “*Silêncio*”, o autor relata como Pedro sentiu na pele a violência do Estado autoritário, que temia e combatia o terrorismo, perseguindo os que faziam contato com os mesmos. Apenas parte da sua experiência traumática ele consegue revelar à família, pois, no geral, Pedro tornou-se “todo silêncio”, porque a memória traumática é difícil de ser expressada por palavras, como afirma Jeanne Marie Gagnebin (2006), referindo-se às reflexões de Walter Benjamin. Sobre esse trauma, o narrador, como em coro teatral, opina: “O homem não estava mais ali/era só um corpo arquejante meu Deus/a morte num resto teimoso de vida.” Outro fato marcante foi o *Grande Garimpo*, que levou muitos homens no Pará e em todo Brasil a deixarem suas famílias em busca de melhores condições de vida, tendo as mulheres, assim como fez Ana, que assumir as responsabilidades financeiras e emocionais da casa. Ao tratar desses temas de fundo histórico a obra cumpre um papel fundamental, que há séculos a literatura tem-se incumbido: combater o esquecimento e fazer a crítica social, na medida em que traz à tona as memórias subterrâneas, rompendo o silêncio oficial, como teoriza Michel Pollack (1989). Já ao mencionar a pandemia da Covid-19, *No tempo da grande crise*, Francisco Neto cumpre seu dever como intelectual de tratar da história do presente, que deixará uma marca indelével nas gerações atuais, que, como o pequeno Téo, foram separadas dos avós e impedidos de irem à escola e tiveram que fazer as tarefas sob a supervisão dos pais.

A leitura do livro *À beira do Araguaia* flui com facilidade. Trata-se de uma prosa poética que representa a cultura e a trajetória das pessoas residentes no norte do País, especialmente os povos ribeirinhos. A trama nos faz conhecer um pouco essa gente de hábitos tradicionais e valente que vive nos rincões “opacos” do território brasileiro (SANTOS, 1999), que ainda possuem belas paisagens naturais e caudalosos rios de água doce que devemos, com urgência, valorizar e preservar.

REFERÊNCIAS

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

POLLACK. Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1999.